

39º Encontro Anual da Anpocs  
GT 06 – Comportamento político e opinião pública

Partidos, grupos e famílias:  
a polarização contextualizada das disputas municipais

Nara Oliveira Salles (IESP/UERJ)

Caxambu, MG, 26 a 30 de outubro de 2015.

# Partidos, grupos e famílias: a polarização contextualizada das disputas municipais<sup>1</sup>

Nara Oliveira Salles<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho se propõe a apresentar parte dos resultados de pesquisa de mestrado, discutindo a articulação entre os arranjos políticos locais e a polarização nacional protagonizada por PT e PSDB desde 1994. A partir de grupos focais realizados com eleitores de dois municípios de Minas Gerais, classificados como cenários de *polarização alta e aliança plena*, através de variáveis como coligação e lançamento de candidatura própria para prefeito, desempenho eleitoral, organização partidária local e número de filiados, o objetivo é explicitar como o arranjo político local se configura a partir de elementos, como grupos e famílias, que extrapolam os partidos políticos. Para a compreensão desses cenários, sugere-se a ideia de *polarização contextualizada*, que associa a tendência apontada por Duverger (1980), de que disputas majoritárias de único turno conformariam dualismo partidário, ao conceito de *racionalidade política contextual* de Lima Júnior (1983). Nesse sentido, haveria uma tendência à polarização nos municípios de pequeno porte, originada, no entanto, de fragmentações outras, contextualizadas, para além da clivagem nacional e dos partidos políticos que a protagonizam.

**Palavras-chave:** Comportamento político. Partidos. Eleições municipais. Polarização.

## Introdução

Rio Preto, Zona da Mata mineira, 5.292 habitantes. Coligação entre PT e PSDB para o executivo municipal nas disputas de 1996, 2000 e 2008, vitoriosas no primeiro e no último pleito. Em 2004 e 2012, os partidos lançam candidaturas próprias e opostas e nenhum dos dois consegue se eleger. Juiz de Fora, Zona da Mata mineira, 516.247 habitantes. Inexistência de aliança entre PT e PSDB nas eleições para prefeito desde 1996 e lançamento de candidatos próprios por ambos os partidos em 1996, 2008 e 2012<sup>3</sup>. As experiências pessoais vividas nos dois municípios atentaram para uma aparente diferença de comportamento entre os eleitores, que, em Juiz de Fora, parecia ser

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta, de maneira resumida, os principais resultados obtidos através da dissertação de mestrado “Do nacional ao local: a polarização entre PT e PSDB na perspectiva dos eleitores”, defendida em fevereiro de 2015. A pesquisa foi orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Mendes da Rocha, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, e desenvolvida no contexto do grupo de pesquisa “Representação política no nível municipal no Brasil”, financiado pelo CNPq e pela Fapemig, coordenado pela mesma professora.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ) com bolsa Capes, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Guarnieri. E-mail: <narasal@iesp.uerj.br>.

<sup>3</sup> Dados sobre o tamanho da população coletados no Censo (2010) e sobre as eleições, nos bancos do TSE.

caracterizada por intensa rivalidade entre petistas e tucanos. Em Rio Preto, contudo, tal clivagem entre o eleitorado dificilmente era percebida e, mesmo em períodos de eleições presidenciais, parecia não imputar constrangimentos aos eleitores de cada partido.

O fato de os dois municípios se localizarem em Minas Gerais ainda reforçou a temática da articulação das esferas competitivas, uma vez que o estado constitui um caso peculiar na relação entre os partidos, cuja força varia em função da competição. Assim, diferentemente de cenários como o do estado de São Paulo, em que um dos partidos, no caso o PSDB, domina as disputas majoritárias estadual e nacional, em Minas, o PT apresenta hegemonia nas eleições para a Presidência ao mesmo tempo em que o PSDB predominou nas disputas para o Governo do Estado até 2010. Portanto, se teria um panorama de acentuada polarização nas disputas presidenciais, em que PT e PSDB se revezam no poder há 20 anos, que se reproduz no nível estadual, apesar de dividir o eleitorado. Nesse sentido, dadas tais clivagens, elas teriam algum impacto sobre as opiniões dos eleitores no nível local? Ou elas seriam mediadas por componentes das articulações entre partidos e elites políticas nessa esfera?

Diferentemente dos estudos que, até o momento, investigaram a polarização PT-PSDB a partir da análise de dados eleitorais, este trabalho se propõe a ir mais fundo para verificar se e como essa polarização se manifesta entre os eleitores. Assim, cabe discutir qual os espaços dos partidos, em meio a um contexto de significativa importância política das famílias e dos grupos, para a conformação das preferências e percepções dos eleitores nas eleições para o executivo municipal. Para isso, a pesquisa desenvolveu uma categorização dos pequenos e médios municípios mineiros com relação ao comportamento do PT e do PSDB no que tange ao lançamento de candidatura própria ou coligação nas eleições em questão, além de outras variáveis descritas adiante. Em seguida, grupos focais com eleitores de Coroaci, município de *aliança plena*, e Piraúba, município de *polarização alta*, foram realizados. Os (des)alinhamentos da competição nas arenas nacional e local foram determinantes para a estruturação da percepção e o estabelecimento de vínculos entre os eleitores e o universo da política nesses municípios? São essas e outras questões que este paper busca apresentar e discutir.

### **A polarização PT-PSDB no cenário político brasileiro**

Com o processo de redemocratização do país, iniciado na década de 1980, o Brasil viu emergir um novo modo de organização da competição política. Somadas à

permanência da combinação entre federalismo, presidencialismo e representação proporcional, característicos da primeira experiência democrática, as mudanças eleitorais e partidárias introduzidas no novo período conduziram o cenário político ao alargamento do número de partidos nominais e ao aumento da participação não só eleitoral, mas política, da população brasileira. Contudo, passados vinte anos do início desse processo, a democracia se consolida no país com definidos padrões de disputa até o momento.

A análise dos votos recebidos pelos candidatos à Presidência ao longo do período estudado (Tabela 1) permite identificar os principais atores das disputas a partir da perspectiva compartilhada por Lima Júnior (1983) e por Limongi e Cortez (2010), de que o excesso de fragmentação se dá, apenas, nominalmente, já que o grau de competitividade reduz significativamente o número de atores relevantes e com reais chances de vitória<sup>4</sup>. Para esses autores, o multipartidarismo, no sistema brasileiro, estaria restrito ao Poder Legislativo<sup>5</sup>, cujos membros são eleitos pelo sistema proporcional. Apesar do número de candidaturas à presidência, seriam todas elas realmente competitivas? Qual o efetivo grau de competitividade da disputa quando significativa parcela dos votos recebidos está concentrada em parte restrita dos atores?

Com exceção das eleições de 1989, PT e PSDB protagonizam a disputada pela Presidência do Brasil há 20 anos, somando, em média, mais de 82% dos votos válidos no primeiro turno. O PSDB venceu duas disputas, em 1994 e em 1998, quando elegeu, no primeiro turno, Fernando Henrique Cardoso; e o PT ganhou os pleitos de 2002, 2006, 2010 e 2014, levando Lula e Dilma Rousseff, duas vezes cada, à Presidência. Nos anos em que a soma dos votos dos dois partidos aparenta certa redução é o momento em que outro candidato competitivo emerge na disputa. Em 2002, isso se deu em função dos votos conquistados, principalmente, por Anthony Garotinho (PSB), que conquistou 17,86% dos votos válidos, além dos 11,97% destinados ao candidato do PPS, Ciro Gomes, que já havia alcançado o percentual de 10,96% em 1998. Nas eleições de 2010 e de 2014, a possibilidade de enfraquecimento da polarização entre PT e PSDB ficou nas mãos de Marina Silva que, no primeiro pleito, recebeu 19,33% dos votos válidos. Em

---

<sup>4</sup> Além disso, é fundamental considerar os altos custos de campanhas no Brasil, que pode reduzir ainda mais a competitividade de parte de atores nas disputas no país, especialmente nas nacionais, devido à sua abrangência.

<sup>5</sup> Ainda que PT e PSDB tenham significativa força no Poder Legislativo, é o PMDB que dispõe de maior bancada na Câmara dos Deputados, refletindo uma lógica diferenciada daquela verificada nas eleições presidenciais. Entretanto, o foco deste trabalho é nas disputas majoritárias, uma vez que, como apontado por Limongi e Cortez (2010), são essas que possuem maior centralidade para o eleitor.

2014, esperava-se o aumento desse percentual, que poderia conduzir Marina, após a morte de Eduardo Campos (PSB), ao segundo turno contra Dilma Rousseff, deixando de fora da disputa o candidato peessedebista, Aécio Neves. Todavia, a candidata recebeu 21,32% dos votos válidos e encerrou a sua participação ainda no primeiro turno.

**Tabela 1 – Desempenho do PT e do PSDB no 1º turno das Eleições Presidenciais (1989-2014) (% votos válidos)**

Ano	Partido		
	PT	PSDB	PT + PSDB
1989	17,18	11,51	28,69
1994	39,97	55,22	95,19
1998	31,71	53,06	84,77
2002	46,44	23,19	69,63
2006	48,60	41,63	90,23
2010	46,91	32,61	79,52
2014	41,59	33,55	75,14

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do TSE.

Com menor intensidade e de maneira diferenciada, a literatura indica que a clivagem PT-PSDB também se reproduz, em alguma medida, no nível estadual, no que diz respeito às disputas majoritárias – é o que Sandes-Freitas (2012) denomina de *nacionalização da competição eleitoral*. Na perspectiva do autor, esse movimento se inicia após o pleito de 1994, já que no período anterior os arranjos políticos estaduais seriam dotados de lógica própria, como apontado por Lima Júnior (1983). Em seguida, há uma mudança na racionalidade eleitoral, sobretudo na formação das coligações, que, segundo o autor, indica o entrelaçamento entre as dinâmicas políticas nacional e estadual.

Porém, se PT e PSDB, nas eleições para a Presidência, concentravam, em média, mais de 82% dos votos válidos desde 1994, o panorama estadual opera de modo menos centralizado, conforme indica Limongi e Cortez (2010). Nesta circunstância, a soma dos votos recebidos pelos dois partidos nas eleições para governador atinge 52% em seu melhor desempenho (Tabela 2). Mesmo que em nível nacional PT e PSDB garantam maior predomínio, é possível verificar que ambos os partidos ainda concentram número significativo de votos na disputa pelos governos estaduais, que sofreu aumento considerável em 2002 e em 2006 e, de certo modo, se estabilizou nos pleitos subsequentes.

**Tabela 2 – Percentual de votos recebidos pelos principais partidos nas disputas de 1º turno para o cargo de governador no Brasil (1990-2014) (% votos válidos)**

Ano	Partido						
	PT	PSDB	PT + PSDB	PSB	PMDB	PFL/DEM	Outros
1990	9,7	11,6	21,3	0,5	22,2	10,8	45,2
1994	11,7	23,2	34,9	2,4	17,5	6,8	38,4
1998	14,5	19,9	34,4	2,9	22,9	15,3	24,5
2002	27,7	22,9	50,6	10,1	12,9	7,2	19,2
2006	21,9	30,1	52,0	5,8	18,0	7,8	16,4
2010	20,1	28,9	49,0	11,5	18,2	4,2	17,1
2014	22,7	26,6	49,3	7,4	23,3	2,5	17,5

Fonte: Adaptada de Limongi e Cortez (2010) e atualizada com dados do TSE.

Porém, para Limongi e Cortez (2010) não há dúvidas de que os partidos não atuam isoladamente na arena estadual, mas formam blocos junto a seus aliados históricos. Este fato também ressalta a articulação de estratégias entre as arenas nacional e estadual, uma vez que tais parceiros são identificados levando em consideração as alianças feitas pelos partidos nas disputas pela Presidência. Para os autores, são poucas as siglas que realmente contam na esfera estadual e, por isso, a simplificação do quadro partidário é evidente. Assim, eles afirmam de modo categórico:

A clivagem política nacional se reproduz nos estados. PT e PSDB estão presentes, diretamente ou por meio de representantes, em todos os estados. A oferta de candidaturas viáveis pelos partidos se reduz a dois tanto no âmbito nacional como no estadual. O resto é o resto (LIMONGI e CORTEZ, 2010, p.37).

Da clivagem entre PT e PSDB no nível nacional para a relativa polarização que opera na arena estadual, incidiram componentes, sejam eles referentes à organização do partido, a fatores contextuais ou a estratégias das lideranças locais, que modificaram o grau de predomínio dos dois partidos. É de se esperar que este panorama sofra ainda mais alterações quando transposto para o âmbito municipal, esfera na qual se veria com maior intensidade a atuação de uma *racionalidade política contextual* nos termos de Lima Júnior (1983). Neste caso, o autor propõe que se investiguem as particularidades da

dinâmica político-partidária e a força relativa dos partidos no nível subnacional em vez de se lançar mão da *racionalidade política invariante*, crítica dirigida a Soares (1964).

Sandes-Freitas e Almeida (2014) resumem as análises mais recorrentes na literatura<sup>6</sup> sobre a possível reprodução da clivagem PT-PSDB nos municípios brasileiros. De acordo com o levantamento feito pelos autores, os partidos centrais na disputa pela Presidência não teriam influência efetiva na organização da arena política municipal por dois motivos distintos. O primeiro se aproxima da ideia de *racionalidade política contextual* de Lima Júnior (1983), verificando a não reprodução da polarização nacional em contextos políticos demasiadamente específicos, que estariam voltados para problemas locais e da comunidade, deixando de lado questões nacionais. O segundo diz respeito a não coincidência entre os pleitos nacional e municipal.

Kerbauy (2009), no entanto, defende que, ainda que a polarização PT-PSDB não se reproduza no âmbito local tal como se estrutura nacionalmente, ela tem impacto sobre a maneira pela qual os partidos se organizam, devido à consolidação das legendas em território nacional visualizada a partir de 1996. Para ela, PT e PSDB são partidos de efetiva importância na competição nos municípios, obtendo, junto com o PMDB, o maior número de prefeituras de modo contínuo. Kerbauy (2009), desse modo, acredita que grandes partidos têm como preocupação real a interferência nos pleitos locais. Contudo, a autora não despreza os componentes do arranjo político municipal, afirmando que os resultados da competição “parecem carregar características regionais e locais que interferem fortemente na arena eleitoral” (KERBAUY, 2009, p.28).

Há um elemento já mencionado que parece ser central para a compreensão da dinâmica das coligações em nível local e que, a despeito das diferentes abordagens explicativas, perpassa, de algum modo, toda a literatura sobre o tema: a dimensão do município. Na análise de Anastasia, Nunes e Meira (2010), a frequência e o êxito eleitoral das coligações entre PT e PSDB tende a ser menor à medida que aumenta o tamanho e a centralidade política do município. Sandes-Freitas (2013) também chega a conclusão similar. Deste modo, coligações como esta, que confrontam a polarização estabelecida nacionalmente, é mais comum quanto menor a cidade e quanto menor a sua visibilidade no cenário nacional, uma vez que, nessas circunstâncias, haveria menor

---

<sup>6</sup> É importante considerar que a dinâmica política local ainda é pouco estudada pela Ciência Política de modo efetivo. No que diz respeito ao posicionamento do PT e do PSDB nessas arenas, os estudos se reduzem ainda mais.

impacto na próxima e mais importante rodada do jogo, as eleições presidenciais. Miguel e Machado (2010) também argumentam nesse sentido:

As identidades partidárias tornam-se mais fluidas e orientadas por situações mais específicas com o decréscimo no tamanho dos municípios. Existe um mosaico de posições partidárias, porém, ao se enxergar o conjunto à distância, não se forma uma imagem clara de qual figura essas peças menores se destinavam a representar (MIGUEL e MACHADO, 2010, p.363).

Ainda que não seja possível afirmar que somente a polarização nacional incida sobre a articulação local dos atores políticos, a literatura indica a coexistência das lógicas regionais/municipais e nacionais na orientação da atuação dos partidos políticos. Ao admitir que *nacionalização* da disputa tenha forte influência sobre os arranjos estaduais, os pesquisadores sugerem que, em teoria, a polarização nacional, ao transpor de nível, perderia a sua força, chegando ainda mais fraca na arena municipal, estando diretamente relacionada com o tamanho e a visibilidade do município.

### **Sistemas partidários e comportamento político: uma breve discussão da literatura**

Os temas que são caros a este trabalho passam, principalmente, por dois campos de estudos na Ciência Política: sistemas partidários e comportamento político. Por um lado, é importante considerar como PT e PSDB consolidaram o protagonismo e a polarização nas eleições presidenciais ao longo dos últimos 20 anos e se e como essa clivagem se reproduz nos municípios no que se refere ao posicionamento dos partidos. No entanto, por outro lado, é fundamental discutir como os eleitores se relacionam com as escolhas dos partidos e constroem sua socialização política. Dessa forma, acredita-se que o impacto da polarização entre PT e PSDB no nível nacional na conformação de percepções e estruturação de identidades do eleitorado pode ser explicado a partir de variáveis institucionais como o sistema partidário brasileiro, mas também remete a questões tratadas no campo dos estudos sobre comportamento político e eleitoral, socialização política e identidade partidária.

#### Partidos políticos e sistemas partidários

A temática da polarização partidária parece dialogar diretamente com uma das proposições de Maurice Duverger (1980) que, preocupado com a natureza da organização partidária, esboçou em *Os Partidos Políticos*, uma teoria geral dos partidos.

Correlacionando sistemas eleitorais e partidários, ele propõe “leis sociológicas” que regeriam a competição eleitoral e que podem ser resumidas da seguinte maneira: a tendência de disputas majoritárias de apenas um turno resultarem em dualismo partidário, com alternância entre grandes partidos independentes; a tendência de competições majoritárias em dois turnos conduzirem a um sistema de partidos múltiplos, flexíveis e independentes; e, por fim, também a tendência da representação proporcional resultar em um sistema de partidos rígidos, múltiplos e independentes.

Além das “leis”, Duverger (1980) constrói uma tipologia das agremiações a partir de uma análise comparativa dos partidos da Europa Ocidental, no qual avalia elementos históricos, como a origem; organizacionais, tais como a estrutura, membros e direção; e ideológicos. Os principais modelos integrantes da tipologia de Duverger (1980) são o *partido de quadros* e o *partido de massa*. O *partido de quadros* seria o primeiro modelo partidário moderno, caracterizado, sobretudo, por reunir parte da elite parlamentar na sua criação. Além da origem endógena ao sistema político, esse tipo de partido foi caracterizado pela estrutura nacional descentralizada, ausência de critérios claros de adesão, dependência de financiadores privados de grande porte e elite parlamentar dotada de concentração decisória. O *partido de massa*, por sua vez, seria praticamente o oposto do *partido de quadros*, caracterizando-se por ter origem fora do parlamento, junto aos movimentos sociais, e alta intensidade na organização interna, exigida pelo número mais elevado de integrantes que agrupa.

Outros autores também se debruçaram, embora de diferentes maneiras, sobre os partidos políticos. De uma maneira geral, a literatura indica um distanciamento crescente das bases sociais dos partidos, somada à progressiva desideologização dos discursos dos mesmos. De fato, os autores se dividem quanto à natureza e aos moldes específicos das transformações, mas tais elementos perpassam toda a literatura que, dessa maneira, indica uma maior aproximação interpartidária, seja em função de seus interesses eleitorais como da maior dependência dos recursos estatais. Nesse sentido, Kirchheimer (1966) propõe o modelo de *partido catch-all*, que depois é adaptado por Panebianco (2005) através do conceito de *partidos profissionais-eleitorais*, culminando no modelo de *partido cartel*, de Katz e Mair (1995).

De modo demasiado sucinto, o modelo de Kirchheimer (1966) foi construído com a justificativa de que as distinções de classe e a ideologia já não eram mais tão importantes nos anos 60, marcados pela expansão do Estado de Bem-Estar, período em

que ele escreveu sua obra. Portanto, para ele, as ações das siglas seriam cada vez mais orientadas por estratégias eleitorais do que ideológicas, fazendo com que os partidos se dirigissem a todos os grupos sociais, adotando posições medianas. De acordo com o autor,

Panebianco (2005), embora concordando com a ideia geral de Kirchheimer (1996), requalificou os partidos *catch-all* como *profissionais-eleitoras*, devido à crescente profissionalização das siglas. O autor chama a atenção para um caminho mais genérico e eleitoral, motivado pela homogeneização do eleitorado que não mais exige a formação de partidos a partir de dimensões classistas. O novo cenário, marcado não somente pela mudança de estratificação social, mas também pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, exigiram adaptação dos partidos políticos. Assim, considerando que o objetivo final de todo partido é a sua sobrevivência, Panebianco (2005) ressalta a influência do ambiente em que os partidos estão inseridos, que tem exigido conhecimentos técnicos de modo progressivo e conformação de partidos com laços organizativos fracos, dotados de direção personalista, com centralização de profissionais especializados e apelos, prioritariamente, de caráter eleitoral.

Katz e Mair (1995) congregaram todos os modelos anteriores – *partido de quadros*, *partido de massa* e *catch-all* – em uma linha evolutiva, concebendo um novo tipo de agremiação, o *partido cartel*. Para os autores, a literatura se dedicou a discutir e a apontar o declínio dos partidos, enquanto os mesmos estavam passando por diversos desafios, como o declínio nos níveis de filiação partidária e a crescente dificuldade de atração do interesse e da simpatia das massas, e se readaptando de modo efetivo. Mudando o foco dos estudos, que antes estavam concentrados na relação entre as siglas e a sociedade, Katz e Mair (1995) argumentam que os partidos devem ser analisados a partir de suas relações com o Estado, quer sejam através de suas posições no Parlamento, quer seja através de cargos que ocupam no governo. De acordo com os autores, três componentes seriam responsáveis pela aproximação dos partidos com Estado: o dinheiro, através da crescente dependência dos financiamentos públicos; as novas leis e regulamentos estatais, que tornam os partidos subordinados ao papel regulador do Estado; os cargos públicos, que se transformaram em fins em si mesmos das agremiações.

Nessa perspectiva, a principal característica do *partido cartel* é a sua relação de crescente dependência em relação ao Estado, em função dos recursos disponibilizados,

que se tornou fundamental para a sobrevivência das agremiações. Garantir o acesso aos recursos estatais passou a ter maior importância do que vencer as eleições, estimulando a formação de grandes grupos de apoio, traduzidos também em coligações e coalizões. Na verdade, a grande questão posta pelos autores é que, antes, os partidos eram mediadores do Estado com a sociedade e, a partir do surgimento do *partido cartel*, o Estado se torna responsável pela mediação entre sociedade e partido. Essa mudança também teria impacto na função exercida pelas agremiações, que teriam mudado de uma ação representativa para uma ação, sobretudo, governativa, o que potencialmente teria impacto na sua relação com os eleitores. Assim, em estudo posterior, Mair (2003) sugere:

Agora se torna cada vez mais difícil os eleitores encontrarem diferenças significativas em termos de ideologia ou de objetivos entre os diferentes partidos ou entenderem essas diferenças como particularmente relevantes para as suas necessidades e problemas. Por outras palavras, perante o esbatimento das identidades partidárias e as transformações ao nível das funções e dos modos de organização e apresentação dos partidos, os eleitores parecem ter cada vez mais dificuldades em entendê-los como representantes de seus interesses e preocupações (MAIR, 2003, p.288).

Ademais, todas essas mudanças apontadas ainda estariam em articulação no interior dos sistemas partidários, já que é através deles que os partidos se relacionam. Nessa perspectiva, não bastasse o distanciamento crescente entre as agremiações e os eleitores, a literatura ainda aponta características do arranjo institucional brasileiro que teria impacto nesse processo, como a separação de poderes e a combinação entre presidencialismo e sistema proporcional. Tais componentes seriam responsáveis pela acentuada fragmentação das disputas, além de intensa volatilidade e elevado grau de regionalismo presentes nas competições, que dificultariam ainda mais o estabelecimento de vínculos entre partidos e eleitores. Todavia, a literatura também aponta que, embora reduzidos, os níveis de identidade partidária no Brasil não são de se desprezar, como será exposto a seguir.

#### Vínculos partidários e eleitorado brasileiro

Os estudos sobre socialização política se dividem em três abordagens principais no que se refere à constituição da identidade e demais laços, como preferência e rejeição, entre o eleitorado e os partidos. A primeira vertente, *sociológica*, prioriza os aspectos socioeconômicos e de classe, de forma que seriam tais experiências e também as

culturais, religiosas e regionais os fatores efetivamente determinantes das predisposições apresentadas pelos eleitores para com siglas específicas. Já para a corrente *psicossociológica*, elementos afetivos, como percepções, opiniões, motivações e atitudes, seriam responsáveis pelo processo de socialização política do eleitorado. Por fim, a *abordagem econômica do voto* estabelece que as identidades partidárias atuariam como um atalho, minimizando os custos da obtenção de informação dos indivíduos e, como a ideologia, constituiriam um mecanismo de simplificação do mundo. Por essa concepção, o eleitor tomaria a sua decisão buscando sempre otimizar ganhos e minimizar custos.

Contudo, as críticas atribuídas a todas as abordagens parecem fazer sentido para este trabalho, que se propõe a pensar as experiências do eleitorado com o universo da política não a partir de uma visão macro, como privilegiam as vertentes *sociológica* e *psicossociológica*, mas também não através de uma perspectiva predominantemente micro, como parece fazer a *abordagem econômica do voto*. Ao contrário, as relações estabelecidas entre eleitorado e partidos políticos serão encaradas neste estudo como uma ação complexa, intencional e, portanto, racional e ideológica, porém conformada pelas estruturas que condicionam as visões de mundo dos atores. Assim, subsidiada por Castro (1992) e Reis (1988), a proposta é a de que os indivíduos, embora racionais, não se encontram isolados e, tampouco, livres dos condicionamentos sociais:

Todo voto poder ser entendido como uma ação intencional, portanto racional e ideológica, isto é, uma ação voltada para realizar de forma mais eficaz os objetivos de cada ator. No entanto, é preciso considerar que os atores agem em situações estruturais e ambientais diversas, que condicionam suas visões de mundo, suas opiniões e atitudes, os objetivos que se colocam e os instrumentos à sua disposição para perseguirem esses objetivos (REIS, 1988, p.30).

Apesar de o voto do eleitor constituir um objeto complexo, possivelmente associado a múltiplas variáveis, para Castro (1994) o fator determinante do comportamento político é o grau de sofisticação política do eleitorado. Esse conceito, para a autora, é tomado de Neuman (1986) e engloba três dimensões distintas: (1) saliência, que se refere a aspectos como interesse e envolvimento políticos, além da exposição aos meios de comunicação; (2) conhecimento da política, mensurado a partir de *surveys* a respeito do governo e personalidade e *issues* políticos; (3) capacidade de conceituação política, relacionado tanto à capacidade de distinção dos atores políticos quanto da capacidade de organizar as ideias de modo abstrato e ideológico. Ela também

argumenta que a tomada de decisão relacionando as opiniões do eleitor com as posições dos partidos, como sugere Downs (1957), fica difícil de ser sustentada, especialmente em um contexto de pouca informação por parte do eleitorado: “as preferências partidárias estáveis se formam no processo de socialização, a partir de tradições familiares, sem nenhuma ou apenas com uma remota relação com opiniões políticas eventualmente sustentadas pelo eleitorado” (CASTRO, 1992, sem paginação).

Esse processo de socialização política ao qual a autora se refere seria responsável por construir e formatar a identidade partidária dos eleitores, sobretudo se a referência tomada for a perspectiva psicossociológica. Tal processo, segundo Baquero e Gonzalez (2011), materializa conhecimentos sobre instituições, atores e episódios políticos, a partir da capacidade de compreender e operacionalizar conceitos abstratos de caráter político nas estruturas cognitivas dos indivíduos. Desse modo, o foco do processo de socialização política se concentra, também em acordo com Almond e Verba (1965), em como as atitudes políticas são construídas nos indivíduos a partir da transmissão de crenças e valores que, a cada geração, constituiriam determinada cultura política.

Baquero e Gonzalez (2011) ressaltam a importância da relação entre elementos institucionais e a socialização política. Para os autores, a compreensão desse processo articula-se no conjunto do sistema político, já que ele forneceria condições, segundo eles psicoculturais, para que o sistema se mantenha. Um dos exemplos citados por eles é a função pedagógica das eleições, uma vez que ela representa maior probabilidade para os indivíduos incorporarem crenças de participação e mobilização, internalizando, assim, valores democráticos. Os autores ainda acrescentam que a formação de identidades partidárias no eleitorado brasileiro tende a se estabelecer de modo incongruente, constituindo uma cultura política híbrida, já que o país é dotado de elevada desigualdade social e política, que pode ter impacto nesse processo.

Mas, para além dos dispositivos institucionais, a família e a escola também seriam elementos determinantes no processo de socialização política. Jennings e Niemi (1974) são alguns dos autores que abordam o aspecto familiar não como instituição primeira de socialização, mas como entidade fundamental devido à incorporação dos aspectos econômicos, culturais e sociais. Seria através da família, segundo esses estudiosos, que esses fatores seriam repassados às crianças, tendo relevante papel no processo de socialização. A escola, junto à família, também seria crucial para a socialização, uma vez que, de acordo com Almond e Verba (1965), quanto maior o espaço nos debates

escolares e também nas decisões familiares, maior seria a confiança da criança de que as suas opiniões podem influenciar de modo efetivo as decisões que lhe dizem respeito.

Nos estudos sobre identidade no Brasil, a literatura aponta, predominantemente, a fragilidade do sistema partidário e, portanto, a predominância de baixos níveis de identificação por parte do eleitorado. O sistema partidário brasileiro, de acordo com Paiva, Braga e Pimentel Jr. (2007) teria imposto aos eleitores um alto custo na obtenção de informação. A restituição do multipartidarismo, ao menos nominal, garantiu a criação de novos partidos, mas também implicou em novos itens no arranjo político a serem administrados pelos eleitores. Entretanto, Kinzo (2005) argumenta que devido ao arranjo político brasileiro, desde o restabelecimento da democracia, se estruturou como um sistema multipartidário protagonizado pelos mesmos atores – PT e PSDB – há 20 anos, era de se esperar imagens partidárias fortalecidas como base de apoio nas eleições.

Além disso, a autora vislumbra no Brasil uma estrutura de competição partidária e eleitoral que dificulta que o cidadão diferencie competidores e estabeleça laços de lealdade para com as agremiações. Isso se dá, sobretudo, em função do arranjo político que estimula de modo significativo a personalização da competição. A autora argumenta: “Como os partidos têm menos visibilidade do que os candidatos, não conseguem fixar suas imagens junto ao eleitorado, o que dificulta a criação de identidade e conexões com os eleitores” (KINZO, 2005, p.67).

Contudo, Mainwaring e Torcal (2006) explicam que essa não é uma tendência experimentada apenas pelo Brasil, mas que em democracias recentes, os partidos, os eleitores e os sistemas partidários são distintos e, conformariam, nessa perspectiva, menos vínculos ideológicos e programáticos entre eles. Tal colocação possivelmente se relaciona com a realidade das agremiações modernas que, como apontado por Michels (1982), Kirchheimer (1966) e Katz e Mair (1997) – mesmo com as especificidades de seus modelos – tendem a se oligarquizarem, a cederem espaço ideológico para preocupações eleitorais, além de estarem cada vez mais dependentes do Estado.

A contribuição de Singer (1998), no entanto, marca uma efetiva ruptura diante dessa literatura centrada na fragilidade do sistema e, portanto, dos níveis reduzidos de identidade partidária. Ao estudar a estruturação dos votos dos brasileiros nas eleições de 1989 e de 1994, o autor encontrou uma influência relevante da identidade não só partidária como também ideológica. Pelos dados coletados por ele, 60% dos eleitores não sabem exatamente diferenciar as categorias de esquerda e direita, quando solicitados.

Todavia, pela perspectiva de Singer (1998), ainda assim o eleitorado poderia utilizar esses conceitos para orientar a sua escolha através de um conhecimento intuitivo do que as posições ideológicas significam. O autor sintetiza: “Esse sentimento permite ao eleitor colocar-se na escala em uma posição que está de acordo com as suas inclinações, embora não as saiba verbalizar. E a mesma intuição o conduz a situar os candidatos (e os partidos) nessa escala e votar coerentemente” (SINGER, 1998, p.149). A identificação ideológica, nos moldes de Singer (1998), constituiria uma tendência a longo prazo, uma vez que seria fortemente influenciada pelos arranjos institucionais do sistema partidário brasileiro.

Ainda que tal aspecto relacionado à identidade e ao vínculo partidário descrito por Singer (1998) tenha sido, em partes, confirmado por Carreirão (2007), a literatura permanece indicando a fragilidade das identidades partidárias e a incoerência entre os sentimentos partidários e as opiniões eleitorais e políticas dos indivíduos. Há uma tendência, apontada por duas relevantes pesquisas, de redução, ainda que pequena, na identidade partidária ao longo dos últimos anos, apesar de um crescimento pontual. A primeira delas foi realizada pelo Latinobarômetro nos anos de 2010, 2011 e 2013, em que foi perguntado aos eleitores brasileiros a seguinte questão: “Há algum partido político ao qual você se sente mais próximo do que com os outros?”<sup>7</sup> (tradução nossa). Apesar da estabilidade do percentual dos eleitores que tinham maior proximidade com algum partido, 28%, em 2010 e 2011, o índice se reduz e atinge os 21% em 2013.

O Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB), pesquisa pós-eleitoral coordenada pelo Cesop/Unicamp, também realizou esforços para medir a identidade partidária entre os eleitores brasileiros, nos anos de 2002, 2006 e 2010. A pergunta feita pelo ESEB ao eleitor foi: “Algum partido político representa a sua maneira de pensar?”. Os resultados apontaram taxas diferentes das apresentadas pelo Latinobarômetro. Em 2002, 38,9% dos eleitores afirmaram haver algum partido que se aproximava da sua maneira de pensar, mas em 2006 o percentual se reduz, significativamente, para 27,9%. Contudo, em 2010, a identidade partidária dos eleitores aumenta e ultrapassa, ainda que de modo tímido, percentual alcançado em 2002, atingindo os 39,2%. A essa pergunta, contudo, estava associada outra questão que permite desmembrar a identidade do eleitor por partido: “Se sim, qual o partido melhor representa sua maneira de pensar?” Entre os resultados,

---

<sup>7</sup> Pergunta original: ¿Hay algún partido político hacia el se sienta usted más cercano que hacia el resto de los partidos?

destaca-se o percentual do PT por ser mais de quatro vezes maior do que o das demais agremiações, que inclui o seu principal rival nas eleições presidenciais há 20 anos, o PSDB.

Mas, para além das mudanças que atingem as siglas, é importante verificar as alterações que incidiram sobre o perfil do eleitorado. Veiga (2007) investiga a relação entre uma série de variáveis, como escolaridade, distribuição geográfica e posicionamento ideológico e a identidade partidária dos eleitores. Os dados apresentados por ela permitem estabelecer diferenças e aproximações entre o eleitorado identificado com o PT, por um lado, e o com vínculos com o PSDB, por outro. De modo resumido, Veiga (2007) verificou que o eleitorado identificado com o PT se consolidou, em 2010, em um segmento em sua maioria localizado na centro-esquerda do espectro ideológico, com eleitores de ensino fundamental, concentrados no Nordeste. O perfil dos eleitores vinculados com o PSDB, por sua vez, reuniu, em sua maioria, eleitores do Sul do Brasil, com ensino médio e que se consideravam integrantes do setor da direita. No entanto, não se pode afirmar que há, necessariamente, uma relação de causalidade entre a distribuição de identidade partidária dos eleitores do PT e do PSDB, como se as taxas de ambos fossem inversamente proporcionais em todas as dimensões, o que não se estabelece. Assim, se o PT conquistou mais vínculos entre os eleitores que se autolocalizavam na centro-esquerda, não se pode dizer que isso se deu em função da perda de eleitorado no mesmo segmento pelo PSDB ou vice-versa.

Se tal associação direta não pode ser estabelecida na interpretação dos dados elencados por Veiga (2007), ela é sugerida por Ribeiro, Carreirão e Borba (2011) em trabalho que relaciona sentimentos positivos em relação ao PT e sentimentos negativos em relação ao PSDB e vice-versa (Tabela 3). Na verdade, a análise feita pelos autores vai além dessa relação, indicando casos de sentimentos positivos apenas por um dos partidos, sem que impliquem em rejeição ao outro, e, na direção oposta, rejeição a uma sigla sem, necessariamente, que se estabeleça sentimentos positivos em relação à outra. Situações que os autores também categorizam como neutras são consideradas.

De modo geral, é possível observar que a maioria dos eleitores se posiciona diante da polarização nacional e declara afinidade e rejeição com um ou com ambos os partidos. Um dado relevante é a redução do percentual dos que declararam sentimentos positivos com relação ao PT e o aumento, ainda que de um ponto percentual, da rejeição do partido em 2006. Entretanto, se faz necessário lembrar, novamente, que esses percentuais e

outras reduções na identidade partidária do PT evidenciadas por outras pesquisas nesse período, possivelmente sofreram o impacto do escândalo do mensalão protagonizado pela agremiação em 2005, tanto que o índice de sentimentos positivos pelo partido voltou a crescer em 2010, bem como a rejeição diminuiu. Contudo, não se pode afirmar que a rejeição ao PT ou a redução dos sentimentos positivos pelo partido, em 2006, foram transferidas para o outro polo da disputa, o PSDB, uma vez que os percentuais dessa agremiação se mantiveram no que diz respeito à rejeição e aos sentimentos positivos.

**Tabela 3 – Sentimentos em relação ao PT e ao PSDB (2002, 2006, 2010) (%)**

Ano	Sentimentos						
	Positivo PT e rejeição PSDB	Positivo PT	Rejeição PSDB	Situações neutras*	Rejeição PT	Positivo PSDB	Positivo PSDB e rejeição PT
2002	15	16	13	39	13	2	3
2006	12	11	13	45	14	1	3
2010	16	15	11	39	11	3	5

Fonte: Reproduzida de Ribeiro, Carreirão e Borba (2011, p.342).

\* Situações neutras se referem aos episódios em que o eleitor não manifestou nenhum sentimento aos dois partidos ou declarou o mesmo sentimento (positivo ou negativo) em relação aos dois ou explicitou sentimentos contraditórios (positivos e negativos, simultaneamente) a um mesmo partido.

Os dados e as análises apresentados tanto por Veiga (2007) quanto por Ribeiro, Carreirão e Borba (2011) sugerem que os vínculos e os sentimentos que os eleitores mantêm com os partidos são de efetiva relevância na construção de suas identidades partidárias e na decisão dos votos. No entanto, retomando o argumento de Limongi e Cortez (2010), não se pode atribuir a polarização e o predomínio das legendas na arena nacional durante os últimos 20 anos à identificação partidária dos eleitores. Os autores não descartam que haja uma parcela de influência dessa questão nos resultados apresentados, todavia, pensam que os eleitores que votam de maneira sistemática em um mesmo partido são parcela reduzida da população. Ademais, Limongi e Cortez (2010) atentam para o fato de que o eleitor manifestar identificação por determinado partido não implica, necessariamente, que seu voto seja concedido a ele. Nessa perspectiva, os autores não consideram que PT e PSDB tenham suficiente enraizamento social para a explicação do protagonismo na esfera política nacional, atribuindo o cenário de

polarização ao número restrito de candidaturas e às estratégias intrapartidárias, sobretudo no que diz respeito à organização e expansão das bases eleitorais. Eles ressaltam: “eleitores votam nas poucas candidaturas que lhes são oferecidas” (LIMONGI e CORTEZ, 2010, p.25).

De modo geral, é possível perceber que a conformação de laços entre o eleitorado e os partidos políticos, sejam eles de rejeição, afinidade, aproximação, preferência, identidade ou de qualquer outra natureza, são permeados por uma série de componentes que perpassam desde elementos institucionais até experiências pessoais vividas por cada eleitor. Assim, a relação entre as estratégias e escolhas das elites e a conformação de percepções do eleitorado, que orienta este estudo, passa a ser um jogo complexo. Contudo, inserida a temática da polarização, parece inevitável que os eleitores se posicionem. Resta saber se esse comportamento também pode ser verificado no que diz respeito às arenas locais de disputa.

### **Desenho de pesquisa e considerações metodológicas<sup>8</sup>**

Para verificar a hipótese que norteou o trabalho – de que, a despeito da importância dos dois partidos na organização da competição político-eleitoral no país, a polarização PT-PSDB não se reproduz da mesma forma e com a mesma intensidade entre os eleitores nos municípios de pequeno e médio porte, sendo afetada por características do arranjo político-partidário local – o estudo envolveu duas etapas de pesquisa. A primeira envolveu um esforço de categorização das localidades quanto ao grau de polarização e aproximação entre PT e PSDB. Nessa etapa, os municípios mineiros de pequeno e médio porte<sup>9</sup> foram analisados, a partir de dados coletados na base do TSE referentes às eleições majoritárias de 2000, 2004, 2008 e 2012, considerando-se quatro variáveis associadas à clivagem entre PT e PSDB na esfera municipal: (1) *comportamento político de ambos os partidos em coligações nas disputas majoritárias*; (2) *desempenho eleitoral*; (3) *organização partidária no município*; (4) *percentual de filiados*.

---

<sup>8</sup> Devido ao tamanho limite do paper, o desenho de pesquisa foi apresentado de maneira resumida. Para uma versão mais minuciosa do mesmo, com embasamento teórico e hipóteses por variável, conferir Salles (2014). Disponível em:

<[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_details&gid=9286&Itemid=456](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=9286&Itemid=456)>. Acesso em 28/09/2015.

<sup>9</sup> De acordo com estratificação do IBGE, integram o universo da pesquisa os municípios com até 100 mil habitantes.

A combinação das quatro variáveis independentes elencadas que, cada qual a seu modo, afetaria as chances de maior aproximação ou maior polarização entre PT e PSDB no município, segundo a hipótese principal, dá origem a cenários locais diferenciados. O cenário de *polarização alta* entre os partidos seria aquele em que PT e PSDB se encontram em coligações diferentes, ambos lançando candidatos próprios ao cargo de prefeito, apresentando o melhor desempenho eleitoral em número de votos, em municípios nos quais ambos possuem diretórios e percentual de filiados maior do que a média dos municípios analisados para ambos os partidos. Já o cenário de *aliança plena* seria aquele em que PT e PSDB encontram-se na mesma coligação, com um dos partidos lançando candidato próprio ao cargo de prefeito (o que indica que um partido apoia o candidato do outro), apresentando o melhor desempenho eleitoral em número de votos em municípios nos quais os partidos possuem comissões como órgão organizacional e o percentual de filiados é menor do que a média dos municípios analisados. Além destes extremos, a combinação das variáveis também permite a elaboração de cenários intermediários de aliança e polarização.

Do total dos 853 municípios de Minas Gerais<sup>10</sup>, 629 foram analisados, inicialmente, nas eleições de 2012 para o executivo. Foram excluídos da análise: 28 municípios nos quais havia apenas um candidato a prefeito; 93 em que o PT não se coligou e nem apresentou candidatura própria para o executivo; 64 em que a mesma situação ocorreu com o PSDB; 10 em que o fato ocorreu com ambos os partidos; 29 municípios de grande porte, com população acima de 100 mil habitantes, conforme distribuição do IBGE. O passo seguinte foi verificar se o comportamento dos partidos tinha ou não um caráter sistemático, considerando as três eleições majoritárias anteriores à de 2012, nos 629 municípios analisados.

Como a literatura é capaz de explicar a lógica que opera nas capitais e nos municípios de grande porte, o que desafia este trabalho são as cidades de pequeno e médio porte<sup>11</sup>, que ainda carecem de estudos mais aprofundados para que se comece a compreender a racionalidade de seus arranjos políticos. Para investigar essa questão, optou-se pela realização de uma pesquisa comparativa com foco em dois municípios bastante semelhantes do ponto de vista demográfico e socioeconômico, mas diferentes

---

<sup>10</sup> A escolha pelo estado justifica-se pela relação peculiar entre PT e PSDB no estado, cuja predominância varia em função do nível da disputa.

<sup>11</sup> De acordo com a classificação do IBGE, tais municípios possuem até 100 mil habitantes.

em termo das características da competição político-partidária: Coroaci, cenário de *aliança plena*, e Piraúba, cenário de *polarização alta*. O primeiro caso se caracteriza pela coligação entre PT e PSDB para o executivo municipal desde 2004, com candidato entre os dois mais votados em todos os pleitos, além de comissão como órgão partidário local e número de filiados abaixo da média do estado. No segundo cenário, PT e PSDB disputaram a prefeitura com candidatura própria e as duas mais votadas desde 2004. Nesse caso, a presença dos partidos no município se deu através de diretórios e o número de filiados se encontrava acima da média do estado.

Selecionados os municípios, foram realizados três grupos focais em cada um deles, compostos a partir de diferentes segmentos do eleitorado que reuniram, separadamente: eleitores *neutros* – que não manifestaram preferência nem filiação a nenhum partido no momento do recrutamento –, *simpatizantes* – que declararam possuir maior afinidade com o PT ou com o PSDB, embora não possuíssem vínculos de filiação com nenhum partido – e *filiados* ao PT e ao PSDB.

A esses critérios somaram-se outros pré-requisitos: apenas foram recrutados eleitores que moram e votam no município pelo menos desde a data da primeira eleição avaliada, 2000; apenas eleitores com 32 anos ou mais participaram dos grupos, uma vez que era fundamental que também tivessem participado do primeiro pleito em análise. Embora esses tenham sido os critérios para recorte do grupo, outras informações, como renda e escolaridade, foram avaliadas adicionalmente na composição do mesmo, entretanto é importante salientar que os grupos não eram homogêneos, mas segmentados, uma vez que o interesse da pesquisa não era verificar o impacto da polarização na conformação de identidades partidárias em nenhuma categoria específica.

Além disso, ainda é importante apresentar algumas considerações acerca da composição e realização dos grupos focais. A literatura sugere que os eles tenham entre seis e dez participantes, embora não haja uma definição exata do número ideal. Contudo, para que se atinja esse número é necessário que se realize um sobrerrecrutamento a fim de garantir um percentual de segurança para ausências. Como não foi elevada a quantidade de integrantes recrutados, foram convidados dez<sup>12</sup>, inicialmente, para todos os grupos. O número foi o mais amplo com o que se conseguiu trabalhar, mantendo em

---

<sup>12</sup> A princípio, os todos os dez convidados também estavam confirmados. No entanto, em contatos posteriores, alguns eleitores cancelaram a sua participação pelos mais variados motivos. Assim, a tentativa foi a de convidar outros para manter a confirmação de dez. No entanto, em alguns casos isso não foi possível.

metades iguais os grupos que continham simpatizantes ou filiados dos dois partidos, no caso, cinco do PT e cinco do PSDB. Ao longo do processo de realização dos grupos focais nos dois municípios, 60 pessoas foram convidadas e exatamente a metade, 30, compareceu. Do total de eleitores presentes, 16 eram de Coroaci e 14 de Piraúba. As discussões realizadas se orientaram a partir de um roteiro semiestruturado, que teve como foco quatro principais dimensões de análise: (1) os partidos políticos; (2) a ideologia dos partidos e dos integrantes; (3) o arranjo político municipal; (4) a polarização PT-PSDB.

Os desafios, de fato, moveram este estudo do início ao fim, não somente no que se refere à moderação e à realização dos grupos, mas também aos problemas dos recursos, das distâncias, dos deslocamentos, dos materiais e, sobretudo, da equipe, que sempre nos eram colocados. No entanto, se, de um lado, o uso da técnica implica em elevados custos financeiros e infraestrutura de trabalho sofisticada, por outro, é evidente que ele tem a sua contribuição, como ficará claro adiante.

### **Arranjo político local e suas articulações: os dados**

Para investigar o arranjo político local foram elaboradas perguntas para explorar, de modo geral, se os partidos importam efetivamente no município, se há e quais seriam os grupos que dominam a política, se as famílias tradicionais influenciam na competição e como se estrutura a mobilização dos eleitores nas campanhas para prefeito. As informações obtidas nos grupos focais serão descritas e analisadas a seguir englobando o padrão de competição estabelecido nos municípios, com destaque para os partidos e para a articulação das elites locais, além do comportamento do eleitorado em Coroaci (Aliança Plena) e em Piraúba (Polarização Alta).

Todavia, antes que se inicie efetivamente as colocações sobre os grupos focais, é essencial elaborar um panorama resumido e enxuto sobre a trajetória dos partidos nos poderes executivos dos municípios estudados, com o objetivo de melhor situar o leitor diante dos arranjos locais de cada localidade. Em Coroaci (AP), PT e PSDB se coligaram nas eleições de 2004, 2008 e 2012. No primeiro ano da aliança, o candidato a prefeito pelo PT, Afonso Miguel de Almeida, recebeu 48,37% dos votos válidos, perdendo a disputa para Walter de Almeida, do PFL. Em 2008, a coligação que contava com PT e PSDB elegeu o petista Emerson de Andrade como prefeito, em competição na qual o candidato do PFL tentava reeleição. Em 2012, por sua vez, foi Emerson Andrade, do PT, que não conseguiu seu segundo mandato frente ao executivo municipal, enquanto Walter

de Almeida, agora pelo PMDB, conquistava mais um mandato. Em 2000, contudo, não houve aliança entre PT e PSDB. O PSDB lançou Einer Andrade como candidato a prefeito, que perdeu a competição para a candidata do PFL, D. Conceição. O PT não se coligou em nenhuma chapa nessa disputa nem apresentou candidatura própria. Assim, fica evidente a força do antigo PFL no município, que competiu diretamente com o PT no maior número de vezes. O panorama do poder legislativo no município, no entanto, parece mais variado, de modo que é possível observar a presença de siglas como PSDB, PSDC, PTB, PP, PL, PR, além de outras.

Em Piraúba (PA), com exceção de 2000<sup>13</sup>, ano em que o PMDB conquistou a prefeitura com Dr. Fernando, vencendo os candidatos do PT e do PSDB, os outros pleitos majoritários foram vencidos pelo PSDB ou pelo PT, consolidando o cenário de *polarização alta* no município. Em 2004, o PSDB elegeu Dr. André. Contudo, o prefeito faleceu ao longo do mandato e Dr. Eli (PSDB), seu vice, assumiu a prefeitura após o primeiro ano de governo. Em 2008, o PT elegeu Dr.<sup>a</sup> Cida, que garantiu a reeleição em 2012. O panorama do poder Legislativo também é mais diversificado em Piraúba (PA), contudo se pode verificar a importância de partidos como PMDB, PR e PL.

#### Coroaci, cenário de aliança plena

Transpondo o debate anterior sobre os partidos para a arena local, os integrantes foram questionados sobre a importância e a força do PT e do PSDB no município. Em Coroaci (AP), tanto o PT quanto o PSDB seriam partidos relevantes, de acordo com os membros dos grupos, em geral. No entanto, os eleitores neutros atribuíram maior relevância ao PT, uma vez que já possuiu prefeito no município, eleito em 2008, que depois será confirmada pelos demais segmentos. Assim, um dos integrantes argumentou: “*Se ele já foi prefeito ele tem [força], né?*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014). Contudo, eles afirmaram que os partidos não são referência para o eleitorado do município, mas sim as famílias tradicionais, Xavier, Andrade e Gonçalves. Segundo um dos membros, tais famílias se revezam no poder há mais de quarenta anos. No entanto, outro afirmou que isso se estabeleceu desde o surgimento da cidade. Ele disse:

Desde quando surgiu Coroaci, já são eles. Porque aqui em Coroaci não se olha partido, olha pessoas. Igual o ex-prefeito, que era PT. Se hoje ele resolver ser

---

<sup>13</sup> Nessa eleição, o candidato do PSDB, Dr. André, ficou em segundo lugar, com 43,56% dos votos válidos. Na mesma oportunidade, Sebastião Ferreira, candidato pelo PT, obteve apenas 10,49% dos votos válidos.

do PSDB ou PSOL, ou de qualquer outro, pessoal vai acompanhar ele. Eles não vão olhar o partido (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014).

Nesse mesmo sentido, outro participante declarou: “*O que conta aqui, o que tá na cabeça do povo ainda é o Bife e Biroasca. Aqui quem é Bife é Bife, quem é Biroasca é Biroasca, entendeu? Não existe ex-Bife, não existe ex-Biroasca*” (FILIAADO, Coroaci, AP, 2014).

Aqui no Coroaci, por exemplo, nós não votamos nos partido, nós votamos na pessoa. Nós temos uma coisa aqui que é clara e objetiva. O fulano pode candidatar aqui em qualquer partido, eles vão votar no fulano, não no partido, qualquer que seja (SIMPATIZANTE, Coroaci, AP, 2014).

Contudo, outro integrante argumentou que essa não seria somente uma característica do município, mas também de outras localidades brasileiras: “*Eu morei em cinco estados e, todo lugar que eu morei, o partido mesmo o pessoal não liga muito não, mas a pessoa*” (SIMPATIZANTE, Coroaci, AP, 2014). Além disso, os participantes apontaram que, em torno de tais famílias, se estabelecem dois grupos, denominados no município de *Bife* e *Biroasca*<sup>14</sup>. Embora eles não conseguissem, especificamente, explicar a formação dos grupos, um dos integrantes, depois de inserir o PMDB no *Bife*, informou: “*Biroasca é do PT*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014). Nesse grupo também estaria inserido o PSDB, ainda que esse fato não tenha sido mencionado espontaneamente pelos eleitores.

Embora tal divisão tenha sido mencionada nas composições anteriores, foi no encontro dos filiados que ela foi descrita de modo mais minucioso. Assim como foi apontado pelos neutros e pelos simpatizantes, eles confirmaram que Emerson Andrade e o atual prefeito, Waltinho, são as lideranças associadas com *Biroasca* e *Bife*, respectivamente, que representam tradições familiares. No entanto, um dos participantes introduziu um elemento histórico que auxilia na compreensão da união entre PT e PSDB em Coroaci (AP). Segundo ele, a divisão entre *Bife* e *Biroasca* passou por uma reconfiguração, em que o PT tornou-se liderança do segundo grupo. Entretanto, alguns líderes do PSDB reconheceram no novo arranjo uma possibilidade real de vitória e se uniram ao PT, na *Biroasca*. Contudo, algumas pessoas, como Emerson Andrade, migraram formalmente para o PT. Após a descrição do processo, um integrante disse:

---

<sup>14</sup> Ao longo dos grupos, os participantes explicam que o nome Biroasca teria sido atribuído ao grupo que distribuía biroscas, bolas de gude, para as crianças. Rocha (1999), moradora do município que se dedicou a recuperar a história da cidade, explica o apelido do grupo rival: “começou quando os adversários políticos os chamaram de ‘Bifes’, pois adoram apanhar. A Líder afirma: ‘somos Bifes’, porque eles batem, batem e nós continuamos firmes” (ROCHA, 1999, p.134).

Eu sempre falava que não era uma opção porque eles eram peessedebistas. Não é que eu seja contra o peessedebista não, você entendeu? Aí discutimos com o grupo e chegamos à conclusão que ele tinha condição de ser eleito e tinha um recurso que poderia ajudar vencer a eleição. Só que foi feita uma combinação que ele assumindo a prefeitura ele tinha que tá administrando conforme a ideologia do PT (FILIADO, Coroaci, AP, 2014).

O fragmento acima permite compreender de maneira mais profunda a relação entre PT e PSDB no município de aliança plena. Com novos componentes inseridos no debate, é possível elaborar relevantes considerações: (1) as elites políticas locais não negligenciaram as distinções ideológicas e a polarização estabelecida entre PT e PSDB no nível nacional, pelo contrário. No momento de articulação da aliança esses fatores foram considerados, de acordo com a fala anterior, embora tenham sido relevados em nome de mais força e recursos para vencer a candidatura do *Bife*; (2) a filiação do ex-prefeito ao PT parece constituir um fator absolutamente formal e pragmático, uma vez que possui legitimada tradição familiar no PSDB e é identificado pelo modo peessedebista de governar, que teria causado dificuldades na aliança com o PT, como menciona o participante; (3) ainda que a fala tenha sido declarada por um filiado ao PT, que faz com que deva ser analisada de modo crítico, ela sugere que se o partido formou uma coligação inconsistente ideologicamente, exigiu-se como pré-requisito para a aliança a manutenção da ideologia do PT e a sua maneira de governar. Mesmo que se apresentem outras versões da história, o relevante é observar que não somente a aliança seria fator suficiente para afirmar que determinado partido estaria negligenciando sua ideologia e seus posicionamentos característicos.

Os eleitores ainda acrescentaram que essa intensa clivagem vivida no município não está restrita às eleições para a prefeitura, embora seja muito mais acentuada nessa ocasião: “*Eles passam assim pra gente: se ele apoiar tal deputado, eles vão ter recursos pra buscar pra nossa cidade. O acesso dele vai ser mais fácil*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014). Assim, esse fragmento demonstra o conhecimento de recursos obtidos para além do executivo municipal.

Com relação à disputa de 2014, por exemplo, eles apontaram que o *Bife*, capitaneado pelo PMDB, apoiou Aécio Neves e a *Birosca*, que inclui PT e PSDB, Dilma Rousseff. A candidata petista venceu no primeiro e no segundo turno no município com, respectivamente, 57,68% e 61,17% dos votos válidos. Aécio, por sua vez, alcançou 35,12% no primeiro turno e 38,83%, no segundo. É fundamental observar a completa

desarticulação entre as esferas municipal, estadual e nacional, uma vez que, no nível local, o grupo do PMDB apoiou a candidatura do PSDB, mesmo com seu partido compondo a coligação petista na disputa pelo Governo do Estado de Minas e pela Presidência. Por sua vez, o grupo do PSDB, que é unido ao PT em Coroaci (AP), apoiou Dilma, sendo que dispunha de candidatura própria à Presidência, com Aécio. Essa configuração local remete, portanto, como já foi mencionado, à noção de *racionalidade política contextual*, de Lima Júnior (1983). O racional, no contexto local, é definido em função do histórico de disputas no município e da divisão entre as alas.

Já que os integrantes identificaram PT e PSDB dentro do mesmo grupo, a *Birosca*, foi questionado se eles consideram problemática a união dos partidos na arena local, se nas disputas pela Presidência estão polarizados há 20 anos. Contudo, nenhum deles declarou que tal aliança representasse um impasse. Um dos membros opinou: “Eu acho que não tem nada de mais. [...] É justamente porque essa política pra presidente não envolve tanto o povo igual pra prefeito. Eleição pra presidente aqui ela é mais tranquila. Não tem aquela coisa de *Bife e Biroasca* no sangue” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014).

Se eles afirmaram que a clivagem *Bife-Birosca* impacta, ainda que de maneira reduzida, nas eleições estaduais e presidenciais, essas, na concepção deles, não constituiriam referencial para concederem seus votos nos pleitos municipais. Nesse sentido, todos manifestaram que essa polarização nacional não impactou seu voto para prefeito, corroborando o argumento da *racionalidade política contextual*, apresentado por Lima Júnior (1983). Além disso, todos concordaram que dificilmente PT e PSDB se separariam no nível local, dividindo a *Birosca*.

Ademais, os integrantes apontaram que a divisão entre *Bife e Biroasca* conforma fortemente a preferência e a identidade dos eleitores no município. Num ambiente caracterizado pela alta competitividade e polarização, além de nenhum grupo abrir larga vantagem sobre o outro nas disputas municipais, é inevitável que o eleitorado se posicione diante a clivagem: “*Aqui é muito dividido. Aqui é um ou outro*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014), “*Envolve a cidade inteira. Um dia é passeata de um, outro dia é de outro e assim vai*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014).

Contudo, o eleitorado teria instrumentos específicos para manifestar suas preferências. Durante as campanhas, a cidade, segundo eles, é dividida entre bandeiras coloridas sobre as casas, que demonstram os vínculos com um grupo ou outro. “*Até tem uma bandeira amarela e uma bandeira vermelha. A amarela é de um partido e a*

*vermelha é de outro. Amarelo é do partido atual aí [PMDB, Bife] e a vermelha é do PT [Birosca]*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014). É de fundamental importância observar que os meios de se declarar o voto em Coroaci (AP) não se restringem aos materiais usuais de campanha fornecidos pelos partidos e pelos candidatos, como painéis, faixas, adesivos e até mesmo bandeiras partidárias. Trata-se de um instrumento diferenciado cujo significado é atribuído pela *racionalidade política contextual*, para fazer uso do conceito de Lima Júnior (1983).

Os participantes acrescentaram que essa clivagem opera nas mais variadas dimensões no município, como a territorial. De acordo com eles, haveria uma divisão entre os locais frequentados pelos integrantes do *Bife* e da *Birosca* no período eleitoral. Um dos membros contou: “*Se o dono do bar for de um partido, o pessoal do outro partido não frequenta lá. E quando entra, finge que é do outro partido. [...] É um jogo de Biroasca e Bife, né? [risos]*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014). Eles também relataram que o envolvimento da população é tão acentuado que todos sabem como ela se divide em termos de votos e apoio: “*Não precisa falar [de que lado é], todo mundo sabe pela família da pessoa*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014). Assim, mais uma vez é possível perceber a importância das tradições familiares no processo de socialização política dos indivíduos, como destacado por Jennings e Niemi (1974) e Almond e Verba (1965).

A partir dessa separação de territórios, portanto, os eleitores afirmaram que as pessoas sofrem constrangimentos no município por pertencerem a um grupo ou a outro. Assim, eles relataram que se um eleitor do *Bife* adentra em um ambiente repleto de partidários da *Birosca*, ou vice-versa, ele não é bem recebido, o que causa, em época de campanha, uma mudança de hábitos da população: “*Eles sempre vão mexer com a pessoa. A pessoa vai ficar constrangida*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014).

No entanto, mesmo com a expressiva polarização entre o eleitorado, os participantes afirmaram que as brigas entre os cidadãos vêm diminuindo: “*Antigamente era feio, hoje tá civilizando mais*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014); “*Tem só bate boca, né? Não mata mais ninguém não [risos]*” (NEUTRO, Coroaci, AP, 2014).

A intensa clivagem existente no município, somada às práticas descritas, conformaria um contexto de significativa rivalidade e constrangimento à mobilização do eleitorado. Nesse ambiente, ainda podem ser encontrados vestígios do coronelismo, segundo um participante: “*Ainda tem o curral eleitoral aqui. Fora o uso do poder, roubo, né? Até hoje, aqui no Coroaci tem ameaça. Existe isso. Um dia antes da eleição o*

*cara passa e fala: cuidado, olha lá*” (FILIAADO, Coroaci, AP, 2014). Todavia, um membro relatou que a rixa mais acentuada se daria depois do resultado dos pleitos, já que considera que na vitória de qualquer um dos grupos sempre se persegue os eleitores da oposição. Nesse sentido, ele alegou:

O bicho pega mesmo é depois que ganha. Porque os que ganham vão descontar naqueles que não votaram neles. Se eu chego lá e peço um emprego pro meu filho, que ele tá precisando, não arruma de jeito nenhum. Se eu peço um carro pra ir a Valadares fazer tratamento, também não (SIMPATIZANTE, Coroaci, AP, 2014).

*“Antigamente era assim: quando passava a eleição todo mundo era amigo do mesmo jeito. Hoje não. Não mistura. É igual óleo e água. Fica os Bife pra lá e os Biroasca pra cá. Até em festas, igrejas... não mistura mais, é pra lá e pra cá”* (FILIAADO, Coroaci, AP, 2014). Segundo os filiados, essa fragmentação não se daria apenas em época de eleições, mas já estaria incorporada na rotina do município. Os grupos se dividiriam na torcida de futebol e nas igrejas que frequentam, sendo o *Bife*, em sua maioria, integrante das evangélicas e a *Birosca*, da católica.

#### Piraúba, cenário de polarização alta

Diferentemente de Coroaci (AP), os membros dos grupos de Piraúba (PA) relataram que, no município, os partidos importam mais do que as pessoas na estruturação dos votos do eleitorado, embora eles acreditem que a política local já tenha sido mais personalista e, até os dias de hoje, dispõem de seguidores dessa perspectiva, mas em menor grau. No grupo dos eleitores neutros, um deles afirmou: *“Os 45 têm os votos deles certo. Pode ser qualquer pessoa que entrar lá, ele vai votar”* (NEUTRO, Piraúba, PA, 2014). Outro participante atribuiu essa conjuntura a uma importante liderança do PSDB, explicando: *“O falecido André Xavier era um homem muito famoso, toda vida foi. Ele morreu e nome dele ficou. E o pessoal era fanático e continuou, assim, o lado do 45 por causa dele, não por causa do partido”* (NEUTRO, Piraúba, PA, 2014).

Ainda que os integrantes tenham declarado que a política em Piraúba (PA) se concentra, majoritariamente em torno das agremiações, a contribuição acima parece sugerir que o contexto local pode não ser tão partidário quanto se supunha pela fala inicial dos eleitores. Nesse sentido, outro participante apresentou, de modo resumido,

como se teria estabelecido a relação do eleitorado com as siglas no município. Assim, ele pontuou:

O vínculo político de Piraúba, ele já tá todo morto. A força política daqui. Então, por essas perdas de pessoas é que deu essa virada. [...] Então a população aqui ela não julga pela pessoa. Por exemplo, eu vou ser candidata. Eles não vão olha pra mim como se eu tivesse mostrando uma boa proposta pro município. Eles veem qual a linha, de onde tá minha raiz, de quais pessoas vinculadas que já faleceu (NEUTRO, Piraúba, PA, 2014).

As falas dos participantes, portanto, parecem indicar que o partidarismo identificado por eles em Piraúba (PA) carrega traços evidentes e relevantes de personalismo em sua origem. Embora os eleitores se posicionem, atualmente, entre as duas alas existentes na cidade, o 45 e o 13, elas, em seu surgimento, se constituíram com a força de nomes importantes no município. A sugestão é a de que, depois da perda das lideranças mais influentes de cada lado, os eleitores e as elites mantiveram a força do grupo baseadas na história e na trajetória de tais líderes, ainda que falecidos. No entanto, isso não conformaria efetivamente política partidária, uma vez que não se restringe aos ideais dos dois partidos, mas a referências locais das legendas e a outras siglas e pessoas, para além do PT e do PSDB, que se agruparam. Talvez, por esses elementos, os cidadãos se refiram a uma polarização entre *alas* e não entre partidos.

Todavia, os integrantes do grupo ressaltaram que o padrão de competição no município está se encaminhando para uma direção diferente: *“Continua [baseada] em grupo, mas com menos força. As pessoas que hoje em dia tiveram oportunidade de esclarecimento maior é que tá decidindo a política em Piraúba”* (NEUTRO, Piraúba, PA, 2014). Desse modo, eles indicaram que os candidatos não mais pertencem, necessariamente, a uma única família de tradição do município. No entanto, elas não deixam de compor as alas na campanha e, posteriormente, no governo.

A polarização entre as alas do PT e do PSDB vivida atualmente no município não teria surgido, no entanto, com o aparecimento dos partidos. De acordo com os participantes, clivagens sempre existentes entre as famílias foram se desenvolvendo e cedendo lugar às agremiações, embora tenha permanecido a divisão das elites locais: *“Não ouvia se falar em PT, é recente em Piraúba. Mas vinha de questões políticas antigas. Hoje, se fala 13 e 45, mas isso já vem de antigamente, que não determina esses dois partidos. Mas é uma questão política, que sempre existiu no município”* (NEUTRO, Piraúba, PA, 2014). Os filiados corroboraram que essa divisão se originou e já esteve

atrelada a famílias tradicionais de Piraúba (PA), mas que, com a morte dos líderes, adquiriram certa autonomia de tal dimensão. As famílias mais influentes na política teriam sido, segundo eles, a Paula Pires Xavier, associada ao PSDB, e a do Sebastião Pires, vinculada à UDN.

Tal clivagem entre os grupos e a intensidade com que ela opera sobre o eleitorado seria mais acentuada no período de eleições municipais, embora se mantenha com influência, mesmo reduzida, nas disputas estaduais e nacionais. Um episódio durante a campanha presidencial de 2014 foi utilizado por um participante para ilustrar tal apontamento: *“Pra você ter uma ideia, o vendedor de Ubá veio com uma camisa vermelha aqui e eles comeram ele na pedra. Quer dizer, o cara não tinha nada a ver com a política”* (SIMPATIZANTE, Piraúba, PA, 2014).

Os participantes relataram que há um enfrentamento intenso e constante entre o eleitorado da ala 13 e da ala 45. Eles contaram que, em período eleitoral, é necessário contar com o reforço da polícia para evitar conflitos mais severos: *“Se não tiver polícia, capaz de sair morte”* (NEUTRO, Piraúba, PA, 2014). No entanto, eles relataram que exatamente esse fato ocorreu há tempos atrás motivado pela clivagem política do município. Os grupos, segundo eles, ainda não eram capitaneados pelo PT e pelo PSDB, especificamente, mas, considerando-se que agregam as mesmas elites, o episódio serve para demonstrar o tradicional confronto acirrado no município. O membro do grupo exemplificou:

Em Piraúba, também já foi extinta a questão de escola de samba. Era um polo político muito grande. O pessoal do *Gato* pertencia a um partido, o pessoal do *Machão* pertencia a outro e os *Unidos do Morro* pertenciam a outro. Os dois primeiros ficaram com a classe alta. E a unidos com a classe mais baixa. A disputa entre os dois era grande demais, que até saiu morte num desfile de escola de samba (NEUTRO, Piraúba, PA, 2014).

Embora o acontecimento seja mais antigo, ele explicita que a intensa rivalidade da política se estende para outras dimensões do contexto municipal, a exemplo do Carnaval. Assim como em Coroaci (AP), em Piraúba (PA) os eleitores também se manifestam através de bandeiras, inclusive das mesmas cores que no outro município, com a diferença que, neste, em vez de representar o PMDB, a amarela simboliza o apoio à ala do PSDB, enquanto a vermelha se mantém associado ao PT. Em suposição, um participante exemplificou:

Aí eu coloco a bandeira do 13 na minha casa, a outra coloca a do 45 do lado. Daí pra frente, acabou. O vizinho meu pode morrer ou passar um mal lá, mas

ele é 45, então eu não vou ajudar. Então, ela [a rivalidade] toma essa dimensão muito grande. Mas por quê? Porque ela é estimulada por um grupo de pessoas do município, não é pelos candidatos. Mas tem um grupo de pessoas que eles formulam essa intriga o tempo inteiro. Esse fogo não acaba (NEUTRO, Piraúba, PA, 2014).

Como pode ser observado o fragmento acima, a polarização existente no município é extremamente intensa entre o eleitorado e, segundo os participantes, ela não se encerra com o fim do período eleitoral, mas se mantém, mesmo que latente, cotidianamente. “*O que ganha sempre tem uma discriminação. É pra bairro, é pra área de saúde, uma máquina, um carro, qualquer coisa*” (SIMPATIZANTE, Piraúba, PA, 2014). Outro integrante justificou a perseguição indicada, relacionando-a com o “compromisso” de privilegiar aqueles que compuseram a ala da vitória: “*Porque aqui é um lugar pequeno, aí não tem projeto de governo não, entendeu? Você foca no grupo mesmo e acabou*” (SIMPATIZANTE, Piraúba, PA, 2014).

Outros instrumentos singulares do contexto local teriam espaço na disputa política. É importante ressaltar que o que se destaca são construções dos grupos próprios de Piraúba (PA), que ultrapassam os materiais usuais de campanhas eleitorais, e constituem objetos particulares do município. Nesse sentido, os integrantes narraram que as duas alas possuem carros alegóricos que desfilam no período eleitoral, com o animal representante de cada lado. O do PSDB, o tucano, segue o símbolo nacional da legenda, no entanto, o do PT é um galo, justificado pelo animal correspondente ao número 13 no jogo do bicho. Tais objetos também seriam alvos dos enfrentamentos entre os grupos políticos locais. “*Aí tinha um galão bonito, eles juntaram lá em cima e quebraram o bicho todo. [...] Aqui o trem pega, a política é pesada demais*” (NEUTRO, Piraúba, PA, 2014).

Assim como em Coroaci (AP), a clivagem entre as elites e o eleitorado também se estende para a dimensão territorial, uma vez que os membros dos grupos relataram lugares específicos que tradicionalmente os adeptos de cada ala frequentam. Eles descreveram: “*Nessa rua aqui, por exemplo, em frente o Bradesco, é o canto dos 13. Toda a vida foi. Política queima ali, dia e noite*” (SIMPATIZANTE, Piraúba, PA, 2014). Eles acrescentaram que, inclusive, haveria bares só frequentados pelo PT, como o da Zezé, e pelo PSDB, como o do Teixeira ou o do Vandinho. Além disso, eles salientaram que tais fronteiras são relativamente rígidas, uma vez que, ultrapassadas, geraria constrangimentos ao indivíduo. Como afirmou um participante, em caso de inserção em

lugar alheio, “*you will be well received, but you will hear what you do not need*” (FILIADO, Piraúba, PA, 2014).

Devido à acentuada rivalidade existente no município, os membros do grupo dos filiados consideraram pouco provável uma aliança entre PT e PSDB no nível local. Todavia, eles ressaltaram que isso acarretaria em perdas para ambos os partidos, pontuando: “*Eu conheço gente que fala que, se algum dia eles se juntarem, não vota mais no PSDB, se algum dia eles se juntarem, não vota mais no PT*” (FILIADO, Piraúba, PA, 2014). Assim, foi somente no grupo dos filiados que o eleitorado foi apontado como um constrangimento à hipotética aliança entre PT e PSDB, visto que nos outros grupos, além de tal fator não ser mencionado, a suposta coligação não foi considerada problemática.

### **Considerações finais**

As contribuições dos eleitores neutros, simpatizantes e filiados de ambos os municípios estudados elencaram uma série de componentes de relevância na competição local. De modo resumido, os apontamentos dos participantes permitem dizer que não é a reprodução da clivagem nacional entre PT e PSDB que determina a existência ou não de polarização no município. No entanto, esse alinhamento pode ser pensado como um fator de influência na medida em que a rivalidade se estabelece e na dimensão que ela alcança, de modo que é possível perceber em Piraúba (PA) um ambiente de mais conflitos entre os eleitores, onde a política tem força inclusive fora de períodos eleitorais, enquanto em Coroaci (AP) não haveria tensão entre PT e PSDB, mas a rivalidade existente entre *Bife* e *Birosca* seria mais reduzida e restrita, principalmente, às eleições municipais. É como se, em Piraúba (PA), se somasse duas polarizações, a nacional e a local, que fortaleceria a rixa entre as alas, ao passo que em Coroaci (AP) essa divisão se daria entre PT e PSDB, de um lado, contra o PMDB, de outro. De toda forma, qualquer que seja a clivagem, ela é fator determinante na conformação das preferências, percepções e atitudes dos eleitores em relação aos partidos e aos grupos políticos atuantes no município.

Assim, a principal contribuição deste trabalho se dá no sentido de corroborar a perspectiva de Lima Júnior (1983), reconhecendo que, mesmo quando a disputa local estava alinhada à estadual e à nacional, havia componentes da arena municipal que estruturavam o arranjo político de forma determinante. Mais do que uma polarização entre PT e PSDB e, portanto, entre suas ideologias, programas e interesses

especificamente, a clivagem entre as alas 13 e 45, como denominadas pelos eleitores de Piraúba, se originou antes mesmo de 1994, constituindo, na verdade, uma luta pelo poder entre distintas famílias, grupos e facções. Contudo, tais alas seriam as principais referências políticas dos eleitores, a despeito de eles terem sido capazes de identificar componentes de outras arenas de competição.

No município de *aliança plena*, por sua vez, observou-se que não é a coligação entre PT e PSDB no nível local que garante que a disputa não esteja fragmentada em alguma medida. Desse modo, embora a clivagem existente no município não coincida com a polarização nacional, o arranjo político de Coroaci é caracterizado por significativa rivalidade entre dois grupos políticos, denominados *Bife* e *Birosca*, que se estende ao eleitorado, conformando suas percepções. Por isso, em consonância com o conceito de *racionalidade local contextualizada*, proposto por Lima Júnior (1983), somado à tendência indicada por Duverger (1980), segundo a qual disputas majoritárias de turno único resultariam em dualismo partidário, propõe-se pensar a clivagem encontrada no município como uma *polarização contextualizada*. No entanto, a aliança entre os partidos e a distinta clivagem não implicou que os eleitores fossem alheios às distinções entre PT e PSDB.

Portanto, é possível verificar que a polarização nacional parece, de fato, ser sentida no nível local, visto que, nos dois cenários, os eleitores percebem diferenças entre PT e PSDB com relação a ideias, programas, pessoas e prioridades. Contudo, identificar tais distinções não os predispõe à polarização. Primeiramente, porque eles também reconhecem uma série de semelhanças entre os dois partidos – sobretudo no que diz respeito às dimensões da organização, da racionalidade estratégica, na relação com o Estado e no pragmatismo político –, mas tais percepções são mediadas pelas características do contexto político local. O segundo motivo remete ao fato de que, mesmo o cenário de *polarização alta* entre PT e PSDB, Piraúba, não pode ser pensado como uma simples reprodução do que ocorre no nível nacional ou estadual. Trata-se de uma dinâmica com contornos próprios, gestada na confluência entre a atuação de famílias, grupos, facções, personalidades políticas importantes no município e, claro, agremiações partidárias. Assim, a relação entre os partidos parece não poder ser pensada sem referência a esses outros focos de lealdade.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alberto et al. (Orgs.). ESEB: Estudo Eleitoral Brasileiro, 1998-2002 (Banco de dados). Rio de Janeiro/Campinas: UFF/UNICAMP. In: **Consórcio de Informações Sociais**, 20014. Disponível em: <<http://www.cis.org.br>>. Acesso em 21/12/2014.

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **The civic culture**: political attitudes and democracy in five nations. Boston: Little, Brown & Co, 1965.

ANASTASIA, Fátima; NUNES, Felipe; MEIRA, João Francisco. A margem do meio da política: as coligações entre PT e PSDB em eleições majoritárias. In: KRAUSE, Silvana; DANTAS, Humberto; MIGUEL, Luis Felipe (Orgs.). **Coligações partidárias na nova democracia brasileira**: perfis e tendências. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

BAQUERO, Marcello; GONZALEZ, Rodrigo Stumpf. Eleições, estabilidade democrática e socialização política no Brasil: análise longitudinal da persistência de valores nas eleições presidenciais de 2002 a 2010. **Opinião Pública**, Campinas, v.17, n.2, p.369-399, 2011.

CAMPBELL, Angus et al. **The American voter**. New York: Wiley, 1960.

CARREIRÃO, Yan de Souza. Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006. **Opinião Pública**, Campinas, v.13, n.2, 2007.

CASTRO, Mônica Mata Machado de. Sujeito e estrutura no comportamento eleitoral. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.20, 1992.

\_\_\_\_\_. **Determinantes do comportamento eleitoral**: a centralidade da sofisticação política. 1994. Tese (Doutorado em Ciência Política) – IUPERJ, Rio de Janeiro, 1994.

DOWNS, Anthony. **An economic theory of democracy**. New York: Harper, 1957.

DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1980. ESEB: Estudo Eleitoral Brasileiro, 2006 (Banco de dados). In: **Consórcio de Informações Sociais**, 2010. Disponível em: <<http://www.cis.org.br>>. Acesso em 21/12/2014.

ESEB: Estudo Eleitoral Brasileiro, 2010 (Banco de dados). In: **Consórcio de Informações Sociais**, 2010. Disponível em: <<http://www.cis.org.br>>. Acesso em 21/12/2014.

JENNINGS, M. Kent; NIEMI, Richard G. **The political character of adolescence**: the influence of families and schools. Princeton: Princeton University Press, 1974.

KATZ, Richard e MAIR, Peter. Changing Models of Party Organization and Party Democracy: The Emergency of the Cartel Party. **Party Politics**, London, v.1, n.1, p.5-28, 1995.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli. As eleições municipais de 2008: federações partidárias ou partidos nacionais. **Perspectivas**, São Paulo, v.35, p.15-33, 2009.

KINZO, Maria D'Alva Gil. Os Partidos no Eleitorado: percepções públicas e laços partidários no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.20, n.57, p.65-81, 2005.

KIRCHHEIMER, Otto. The Transformation of the Western European Party Systems. In: LAPALOMBARA, Joseph; WEINER, Myron (Ed.). **Political Parties and Political Development**. Princeton: PUP, 1966.

LIMA JR., Olavo Brasil de. **Os partidos políticos brasileiros: a experiência federal e regional (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

LIMONGI, Fernando; CORTEZ, Rafael. As eleições de 2010 e o quadro partidário. **Novos Estudos**, v.88, p.21-37, 2010.

MAINWARING, Scott; TORCAL, Mariano. Party System Institutionalization and party system theory after the Third Wave of Democratization. In: KATZ, R.; CROTY, W. (Eds.). **Handbook of Political Parties**. London: Sage Publications, 2006.

MAIR, Peter. Os partidos políticos e a democracia. **Análise Social**, Lisboa, v.38, n.167, p.277-293, 2003.

MICHELS, Robert. **Sociologia dos Partidos Políticos**. Brasília: UnB, 1982.

MIGUEL, Luis Felipe; MACHADO, Carlos. De partido de esquerda a partido do governo. O PT e suas coligações para prefeito (2000 a 2008). In: KRAUSE, Silvana; DANTAS, Humberto; MIGUEL, Luis Felipe (Orgs.). **Coligações partidárias na nova democracia brasileira: perfis e tendências**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

NEUMANN, W. Russel. **The paradox of mass politics: knowledge and opinion in the American electorate**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

PAIVA, Denise; BRAGA, Maria do Socorro Sousa; PIMENTEL JR., Jairo Tadeu Pires. Eleitorado e partidos políticos no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v.13, n.2, p.388-408, 2007.

PANEBIANCO, Angelo. **Modelos de partido: organização e poder nos partidos políticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REIS, Fábio Wanderley. Identidade, política e a teoria da escolha racional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.3, n.6, p.26-38, 1988.

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julian. Sentimentos partidários e atitudes políticas entre os brasileiros. **Opinião Pública**, Campinas, v.17, n.2, p.333-368, 2011.

ROCHA, Ângela. **Coroaci** – ontem e hoje. Governador Valadares: [s.n.], 1999.

SANDES-FREITAS, Vítor Eduardo Veras de. Nacionalização da competição eleitoral no novo contexto democrático brasileiro: uma análise à luz das categorias analíticas e do neoinstitucionalismo. **Teoria & Pesquisa**, São Carlos, v.21, n.2, p.48-60, 2012.

\_\_\_\_\_. Alianças contextuais ou nacionalizadas? Análise das coligações nas eleições para prefeito em 2012. **Cadernos Adenauer**, Rio de Janeiro, v.XIV, n.2, p.147-165, 2013.

\_\_\_\_\_.; ALMEIDA, Maria Vitória de. As coligações para prefeito nas Eleições de 2012 e a presidencialização da competição eleitoral nos municípios. In: ROCHA, Marta Mendes da; KERBAUY, Maria Teresa Miceli (Orgs.). **Eleições, partidos e representação política nos municípios brasileiros**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2014.

SINGER, André Vítor. Identificação ideológica e voto no Brasil: caso das eleições presidenciais de 1989 e 1994. 1998. Tese (Doutorado em Ciência Política) – USP, São Paulo, 1998.

SOARES, Gláucio Dillon. Alianças e coligações eleitorais: notas para uma teoria. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, Belo Horizonte, n.17, p.95-124, 1964.

VEIGA, Luciana. Os partidos brasileiros na perspectiva dos eleitores: mudanças e continuidades na identificação partidária e na avaliação das principais legendas após 2002. **Opinião Pública**, Campinas, v.13, n.2, p.340-365, 2007.